

Metidos na jaula dos medos de Alfred Hitchcock

■ "Under Hitchcock", mostra de homenagem ao cineasta, marcou arranque do 15.º Curtas

■ Sérgio Almeida

Voyeurismo, medos inconfessáveis, descontrolo emocional. Percorrer "Under Hitchcock" — a exposição inaugurada ontem ao final da tarde, na Galeria Solar, que assinalou a abertura da 15.ª edição do Festival de Curtas Metragens de Vila do Conde — é entrar no universo do cineasta de que todos são herdeiros (sim, mesmo dos que o desconhecem em absoluto).

Sete artistas de gerações diferentes (Jean Breschand, Christoph Girardet, Johan Grimontprez, Laurent Fiévet, Carlos Lobo, Mathias Müller e Salla Tykkä) revisitam a densidade psicológica 'hitchcockiana' através de métodos tão diversificados que só vêm colocar em evidência a tremenda inventividade do inquietante realizador de "O homem que sabia de mais".

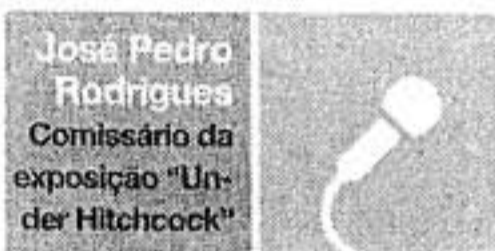
O fantasma de Sir Alfred — o cineasta inglês morreu em 1980 — paira, todavia, de forma assumida em todos os trabalhos. Como se o confronto de imaginários opostos — da geração pós-MTV à idade de ouro do cinema — apenas viesse reforçar a sua importância.

No vídeo da finlandesa Salla Tykkä, "Zoo", as reminiscências tensas de "Pássaros" assaltam-nos com vigor: uma mulher fotografa animais selvagens que, por sua vez, lhe devolvem um olhar magnético capaz de transportá-la para águas profundas, onde decorre um violento jogo de rugby subaquático.

A irrespirabilidade dá lugar à desconstrução em "Looking for Alfred", trabalho de Joan Grimontprez em que um bando desconcertante de sócias de Hitchcock surge empenhado em assumir a identidade do realizador. Excesso de realidade ou apenas o assumir descarado das obsessões que tanto o fascinavam?

Mathias Müller e Christoph Girardet inclinam-se para a segunda

hipótese em "Phoneix tapes", uma miscelânea das principais recorrências de planos e sequências de Hitchcock. (Re)vê-las é confirmar o que intimamente já todos sabíamos: o nosso imaginário colectivo está tão densamente povoado pelas suas representações que quase nos havíamos esquecido de quem as produziu. □



Exposição abre caminho a novos universos

Demorou a concretizar "Under Hitchcock". Porquê?

Um projecto com esta envergadura, com peças novas propositadamente concebidas, exige apoios significativos. Felizmente, graças à contribuição regular da Câmara e a um subsídio do Instituto das Artes, conseguimos avançar agora. Não é exagero dizer que é um dos pontos altos de todo o festival.

Que acrescentam estes olhares de distinto à visão que tínhamos de Hitchcock?

Abrem caminho a novas leituras da obra do cineasta, mas também à criação de novos universos. É o ponto de partida, o que não impede que vários dos trabalhos procurem abarcar também outras referências.

A sua influência no cinema contemporâneo é intocável?

É uma personagem fulcral da história do cinema. Há uma nova geração que o conhece mal, mas o impacto dos seus filmes em inúmeros cineastas é tremendo.

JN
08. JUNHO. 2002